

A CENTENÁRIA MATRIZ DE SÃO PEDRO (SP)

Maria do Carmo Mendes de Andrade e Souza

A IGREJA MATRIZ DE SÃO PEDRO

Singela, mas encantadora! Palavras que se ouvem todos os dias, quando os visitantes vêm pela primeira vez a Matriz da Estância Climática de São Pedro, pequena cidade turística próxima de Piracicaba, com localização na parte central do Estado de São Paulo.

Sua construção data de um século. Lançada a pedra fundamental em 1896, foi solenemente inaugurada em junho de 1898. Traz a data de 1897 gravada acima da porta central, perto de uma pequena sacada, que talvez servisse para comemorações antigas, quando não havia microfones, nem aparelhagem de som, muito menos luz elétrica. A sacadinha devia ser o púlpito para solenidades “extra-muros”. É fácil imaginar ali a figura majestosa dos antigos vigários conclamando os fiéis a trilhar o bom caminho, o caminho do Evangelho.

O edifício, que tem o traçado de uma cruz latina, guarda no seu interior relíquias artísticas e históricas. A construção foi projetada pelo escritório de Ramos de Azevedo.

À entrada da igreja, um grande e antigo vitral colorido retrata uma cena da vida do Príncipe dos Apóstolos: São Pedro. Belo e artístico vitral! Logo à direita, no chão simples, sem nenhuma inscrição, repousam os restos mortais do Povoador da cidade de São Pedro: o patriarca ituano Joaquim Teixeira de Barros. Sua esposa, D. Joaquina Brandina de Escobar repousa ao seu lado. Estes dados foram levantados a partir de uma pesquisa feita entre antigos moradores da cidade. Um deles, D. Marietta de Toledo Mendes, testemunha do sepultamento (1897), narrou-me o fato com detalhes. D. Joaquina Frota de Andrade, bisneta do Povoador de São Pedro e também testemunha (tinha 9 anos na ocasião) confirmou a narrativa e contou que outro antepassado seu também foi enterrado na igreja matriz: José Antônio Correia da Frota, o patriarca dos Frotas da região.

O templo é inteiramente decorado. O teto e as paredes do altar-mor e das duas capelas, de N.S^a do Rosário e de São José, foram pintados pelo artista piracicabano Mário Thomazzi no ano de 1942.

A nave central da igreja foi decorada com afrescos por Gaetano Miani, artista plástico italiano, de passagem pelo Brasil no final da década de 40. Pintor de renome internacional, com trabalhos executados em vários países, ele utilizou uma técnica pouco conhecida naquele tempo: aplicação de pintura “a cera quente”, o que possibilitou um colorido mais duradouro. São quadros de grande impacto: almas entre chamas, anjos com trombetas, o Juízo Final, tudo entremeado com paisagens bucólicas da Galiléia. Não falta nem mesmo a figura de Pio XII diante do túmulo de Pedro, e do vigário da cidade na celebração da Missa. E para não fugir à tradição dos grandes mestres, retratou nos painéis de pintura o rosto de jovens são-pedrenses: entre anjos e santos!

II

O LIVRO DO TOMBO DA MATRIZ DE SÃO PEDRO

A convite do Pároco atual, Padre Orivaldo Casini, um grupo de pessoas vem tentando, incansavelmente, encontrar os meios necessários para uma restauração que se faz necessária e urgente.

Como convidada para participar dessa Comissão de Amigos e Interessados na Preservação da Matriz de São Pedro, fui pesquisar nos seus arquivos, para tentar localizar dados interessantes de sua história.

E foi assim, com rara emoção, que abri as páginas de um livro de capas comprometidas pela ação do tempo: o 1º Livro do Tombo da Igreja Matriz de São Pedro.

Aquelas folhas amareladas continham tesouros incríveis para meus olhos ávidos de pesquisadora. Era como se viajasse no tempo. Um mergulho no passado.

À medida que a leitura avançava, eu passava a conviver com aquela pequena comunidade interiorana, com aquele pequenino e acanhado burgo: a Freguesia de São Pedro do Município da Cidade da Constituição (antigo nome de Piracicaba) na metade do Século XIX.

Havia de tudo: - as alegrias por um estandarte novo ou pela aquisição de imagem artística; as admoestações feitas pelas autoridades eclesiásticas (os Bispos) aos pobres párocos; as tristezas causadas por célebres funerais (de Papas e Bispos) documentados em fotos e transcrições de jornais; as intrigas locais; as observações judiciosas do vigário sobre pessoas e incidentes; a repercussão dos graves acontecimentos, tais como as guerras européias e as revoluções paulistas.

Nada escapava ao “olho clínico” dos vigários: nem as geadas que atormentavam os agricultores, nem o comportamento dos moleques de rua, nem mesmo alguns absurdos encontrados na feitura de altares e objetos pertencentes à Igreja Matriz. E tudo anotado com comentários às vezes irônicos, às vezes divertidos.

Vista frontal da Igreja Matriz de São Pedro (SP), na praça São Pedro

Não faltam sequer as censuras veladas à comunidade, até mesmo aos párocos anteriores que, segundo o cronista, deveriam ter zelado mais pela preservação da memória local.

Enfim, uma crônica deliciosa que encanta, que comove, que nos faz agradecer aos céus a conservação de tais relíquias.

São cinco os Livros do Tombo da Matriz de São Pedro. O 1º vai de 1867 a 1904; o 2º vai de 1905 a 1918, o 3º vai de 1918 a 1943; o 4º vai de 5-AGO-1943 a 29-JUN-1944 e o 5º inicia-se aos 11-JUN-1944. Este trabalho centrou-se no 1º livro. Posteriormente, pretendo comentar os outros livros.

III

A CRIAÇÃO DA FREGUESIA DE SÃO PEDRO

O Registro do 1º Livro do Tombo foi feito aos 26 de junho de 1867. Registro e abertura são feitos pelo Escrivão da Câmara Episcopal de São Paulo, o Cônego Antônio Augusto de Araújo Musier.

A 1ª Ata é de 31 de maio de 1867. Consta de uma Provisão, instituindo canonicamente a nova Freguesia de São Pedro, do Município da Cidade da Constituição (antigo nome da cidade de Piracicaba). Provisão essa vinda de São Paulo, ou melhor, de “Dom Sebastião Pinto do Rego, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo desta Santa Igreja de São Paulo do Conselho de Sua Majestade, o Imperador, e Comendador da Ordem de Cristo” (folha 1). Naqueles tempos, a Igreja era ligada ao poder político: o Império Brasileiro.

Vale a pena transcrever aqui essa 1ª ata, que criou a Freguesia de São Pedro: -

“Aos que esta Nossa Provisão virem. Saúde e Bênção em o Senhor. Tendo a Assembléia Legislativa Provincial por Lei nº 12, de 12 de abril de 1864, elevado à Categoria de Freguesia a Capela de São Pedro, do Município da Cidade da Constituição, desta Diocese e Província: Havemos por bem confirmá-la como por esta Nossa Provisão confirmamos. Erigimos e canonicamente instituímos aquela Freguesia na forma do Sagrado Concílio Tridentino, pelo que concedemos à nova Freguesia de São Pedro todos os Direitos, Privilégios, Honras, Insígnias e Distinções que de hoje em diante lhe pertencem como Igreja Paroquial. Esta será publicada à Estação da Missa Conventual de um dia festivo e registrada no livro do Tombo para a todo tempo constar. Dada em a Câmara Episcopal desta Imperial Cidade

de São Paulo, sob Nosso Signal e Selo das Nossas Armas aos 31 de Maio de 1867. Eu Cônego Antônio de Araújo Musier, Escrivão da Câmara Episcopal a subscrevi.” (Folha 1 do 1º Livro do Tombo da Matriz de São Pedro.)

O 1º Padre Vigário foi o sacerdote italiano Reverendo Aurélio Votta: nomeação por um ano, como era de praxe:

... “havemos por bem nomeá-lo e promovê-lo no emprego de Vigário Encomendado da nova Freguesia de São Pedro do Município da Cidade da Constituição por tempo de um ano se antes disso não mandarmos o contrário”... (Fl. 1-v)

E acrescentam-se as recomendações ao novo pároco e em seguida aos fiéis: -

“Recomendamos-lhe muito confidere o alto cargo que lhe confiamos, tendo sempre em vista a estreita conta que tem de dar a Deus pela conduta de seus fregueses, pois em seus ombros descansamos parte da vigilância e cuidado pastoral ...” (Fl. 1-v).

E aos fiéis:

“Mandamos por santa obediência a todos os fregueses da referida Freguesia de São Pedro, reconheçam ao sobredito Aurélio Votta, por seu legítimo Vigário Encomendado e como tal lhe obedeam e respeitem em tudo quanto são obrigados”. (Fl. 1-v)

A primeira medida tomada pelo já empossado Vigário de São Pedro foi a fixação das “Divisas” da sua Freguesia. O critério adotado veio do poder civil: Leis da Assembléia Legislativa de São Paulo. A separação da freguesia seguia os acidentes geográficos de praxe: rios e espigões.

IV

A CAPELA E O CEMITÉRIO DE SANTA MARIA

Nas folhas 3-v. e 4 do 1º Livro do Tombo da Matriz de São Pedro, há outra relíquia histórica: a origem de Santa Maria, município vizinho de São Pedro. Naquela época, Santa Maria não passava de um simples povoado, conhecido pelo nome de Ribeirão Bonito. Da leitura do Livro do Tombo, ficamos sabendo que os habitantes do lugar queriam que ali se erigisse uma Capela. Esta seria erigida sob a invocação da Virgem Santa Maria. Hoje, esse é o nome da pequena cidade. Vejamos o que diz a Provisão, vinda de São Paulo, da parte do “Doutor Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade, Cavalheiro da Ordem de Cristo, Cônego da Catedral desta Imperial Cidade de São Paulo nela e em todo o Bispado Vigário Capitular pelo Ilmo. e Revmo. Cabido Sede Vacante”. A data: 17 de junho de 1868.

“Atendendo ao que por sua petição me representaram diversos habitantes do lugar denominado = Ribeirão Bonito = Distrito da Freguesia de São Pedro e Município da Cidade da Constituição. Hei por bem pela presente conceder-lhe faculdade para que possam ali erigir uma Capela sob a invocação da = Virgem = Santa Maria = contanto que seja em lugar alto, livre de umidade e tenha âmbito em roda para poder andar Procissão, cujo lugar será designado pelo muito Reverendo Pároco respectivo, a quem será esta apresentada e depois de erecta a referida Capela, nela não se poderá celebrar o Santo Sacrifício da Missa e os demais Ofícios Divinos sem que esteja constituído o necessário Patrimônio, e sem nova Provisão minha, para aquisição da qual precederá informação do mesmo Rev. Pároco sobre a capacidade e decência da dita Capela. Esta será registrada no Livro de Tombo da respectiva Matriz para a todo tempo constar. Dada na Câmara Capitular de São Paulo, sob meu sinal e selo da Mesa Capitular aos dezesseis de junho de 1868. Eu Antônio Augusto de Araújo Muniz, Escrivão da Câmara Capitular, a subscrevi. Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade.

Provisão de erecção e fundação da Capela para a Freguesia de São Pedro, no lugar denominado = Ribeirão Bonito = a favor de diversos habitantes do referido lugar.” (fls. 3-v e 4).

Em seguida, nas folhas 4 e verso, vem a Provisão para erigir e fundar um Cemitério no local de Ribeirão Bonito (hoje Santa Maria). Nunca é demais lembrar que naqueles tempos o Cemitério pertencia à jurisdição da Igreja Católica. Daí as dificuldades e entraves que se apresentavam para o sepultamento de protestantes e judeus. Principalmente nas pequenas localidades, onde não havia condições para a construção de cemitérios separados!

Diz a Provisão: -

“Atendendo aos que por sua petição me representaram diversos habitantes do lugar denominado = Ribeirão Bonito = Distrito da Freguesia de São Pedro e Município da Cidade da Constituição. Hei por bem pela presente conceder-lhes faculdade, para que possam ali erigir e fundar um cemitério, o qual estando competentemente cercado de muros e com a decência devida, conforme determinam as Leis Eclesiásticas, poderá o muito Reverendo Pároco respectivo, depois que o houver competentemente visitado; o que feito: digo Pároco respectivo proceder a necessária Bênção na forma prescrita pelo Ritual Romano, depois que o houver competentemente visitado; o que feito = concedo que no mesmo Cemitério possam ser sepultados os cadáveres dos fiéis...” (Fls. 4 e 4-v)

E o Padre Aurélio Votta, zelosamente tratou de cumprir mais essa obrigação: -

“Certifico que sendo-me apresentada a Provisão acima, fui no lugar destinado a mesma, no dia 2 de agosto de 1868, depois de concluída a visita, e achando conforme e decente, em virtude da autorização que me foi concedida pelo Exmo. e Revmo. Senhor Vigário Capitular, procedi à Bênção do Cemitério na Capela de Santa Maria do Ribeirão Bonito, em forma prescrita pelo Ritual Romano, assim mais, fiz a marcação do lugar para a edificação da Capela da mesma invocação; para constar mandei fazer este que somente me assino. Dia Era Ut Supra. O Vigário Aurélio Votta.” (Fl. 4-v).

V

AGRURAS DA IGREJA NO FINAL DO SÉCULO XIX

Os párocos vão-se sucedendo à medida que os anos se escoam. Muitos deles também eram súditos italianos, como o 1º. Padre Aurélio Votta.

Na folha 37 do Livro I do Tombo, há uma Pastoral do Bispado sobre a situação crítica do Papa em Roma e sobre a deterioração social! São fatos que em nada diferem dos acontecimentos atuais. Vejamos alguns trechos: -

“Assim o tem praticado sempre a Igreja em todas as calamidades públicas, principalmente quando vê seu chefe perseguido e despojado de seus mais sagrados direitos, independência e liberdade.”

“Quem rompeu os grilhões e abriu as portas do cárcere a S. Gregório VII, a Pio VI, a Pio VII e a tantos outros?!”

“A oração e a oração humilde, fervorosa e perseverante.”

“É com efeito, grande, extraordinário, imenso, o poder da oração já desarmando o braço de Deus, ingratamente ofendido, já acalmando os rigores da divina justiça ou fazendo suave e doce violência ao coração do Senhor, no belo dizer dos Santos Padres.”

“E as provações por que está passando a Igreja em nossos dias amados Irmãos e Filhos, não serão motivos mais que suficientes para nos atraírem à casa do Senhor, ao lugar da oração, e desafiarem, de envolta com as mais fervorosas preces, os gemidos de nossos corações?!”

“Turvam-se os céus, negras nuvens pairam sobre a barca de Pedro, o humilde Pescador da Galiléia, horrível furacão sopra enfurecido contra ela, o mar agitado por tremenda procela revolve-se embravecido e as fauces hiantes do abismo ameaçam tragá-la; a liberdade e a soberania do chefe da Igreja, indispensável ao livre exercício de sua missão sublime, mais que nunca ameaçada (se tanto fora possível) de completa e total ruína, tal é o tristíssimo espetáculo que o mundo católico está presenciando nos dias agitados e tempestuosos que vão correndo!” (Fls. 37-v)

Trechos transcritos da Carta Pastoral de D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, aos 16 de junho de 1889, na cidade de S. Bento de Sapucaí e registrado no Livro do Tombo nº 1 da Matriz de São Pedro. A Carta Pastoral se estende por 13 páginas!

VI ITAQUERI DA SERRA

No final do 1º Livro do Tombo, depois da folha que o encerra, foram coladas oito folhas referentes à Matriz da Freguesia de N.ª da Conceição do Itaquery.

A 1ª folha transcreve o final de uma Comunicação Episcopal. Assina-a o Bispo D. Antônio, aos 21 de abril de 1857.

Em um trecho dessa Comunicação (Fl. 1 do Anexo), percebemos a rígida disciplina a que eram submetidos os vigários daquele tempo. Não podiam sequer sair da paróquia! Eis o que se lê ali: -

“... lhes proibimos com a pena de suspensão suas saídas fora da Paróquia por mais de um dia”... (!!!)

E logo a seguir S. Excelência concede uma ressalva, no caso de estarem os Párcos em pecado mortal (!) e necessitarem de confissão: -

“Quem está em pecado mortal, de Direito Divino deve procurar sair de tão horroroso estado” “Praza aos céus que por esse motivo se saia por dois ou mesmo três dias cada mês!”

E D. Antônio finaliza com um lamento por não poder gozar dessa regalia (certamente a folga dos 2 ou 3 dias!). Diz ele: “Essa consolação não nos é dada”!

As três páginas seguintes (fls. 1-v., 2, 2-v) trazem a relação de “Imagens e Alfaias pertencentes a esta Matriz da Freguesia de N. Sra. da Conceição de Itaquery”. A data: 18 de junho de 1857. Assinam: o Vigário Joaquim Feliciano d’Amorim Sigão (?) e o Fabriqueiro Manoel Antônio Nunes.

Entre os pertences havia, por exemplo, “um rosário de ouro de 10 gr. de peso e 1 colar de ouro de N. Sra. do Rosário”, além de outras peças de prata. Em compensação, a pia “era de madeira bem ordinária”! Os paramentos eram bem cuidados: “casula nova feita de damasco branco e carmesim, guarnecida de galão e franjas de retrós cor-de-ouro ...” (Fls. 1v, 2, 2v).

Há em seguida uma Provisão de 4 de novembro de 1859, assinada pelo Cônego José Bento de Andrade (fls. 3).

As folhas seguintes (fls. 4 e seguintes até fls. 8-v), transcrevem uma Carta Pastoral de D. Sebastião Pinto do Rego, eleito Bispo de São Paulo.

Interessante observar a 1ª data que aparece nas folhas coladas ao Livro I do Tombo: 1857! É data anterior à abertura do 1º Livro do Tombo da Igreja Matriz de São Pedro! O fato evidencia que Itaquery é bem mais antiga que São Pedro. E talvez aquele vilarejo tenha tido algum dia a prosperidade que depois perdeu.

Para quem não sabe, Itaqueri é hoje um pequeno lugarejo situado (eu diria perdido) entre São Pedro e Itirapina.

À entrada da pequena urbe de casario antigo e decadente, vê-se uma placa com o nome da localidade e o nome da estrada que a liga a Itirapina e a São Pedro. Estrada de grande beleza paisagística, mas pouco conhecida. É a Rodovia Pres. Ulisses Guimarães! Nessa região nasceu o saudoso Congressista e Deputado Ulisses Guimarães.

Para encerrar este breve relato histórico, e como curiosidade, transcrevo aqui o Provimento da visita pastoral a Itaquery (fls. 3 e 3-v), do “Exmo. Revmo. Sr. Bispo Diocesano D. Antônio Joaquim de Mello, aos 22 de outubro de 1859”:

“D. Antônio Joaquim de Mello, por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica Bispo de São Paulo do Conselho de S. M. O Imperador, Conde Romano, Prelado Doméstico de S. Santidade e Assistente ao Sólido Pontifício.”

“Fazemos saber que no dia vinte e dois de outubro de mil oitocentos cinquenta e nove, visitamos a Freguesia do Itaquery onde não existe Pároco por penúria de Sacerdotes. Fizemos a Procissão dos Defuntos conforme o Pontifical Romano, Pia batismal, vasos e altar, e ornamentos. Tem o muito necessário para o Santo Sacrifício. A Sacristia não é forrada quando tanto recomendamos que a Capela-mor, Sacristia sejam forradas, tenha ar luz para boa guarda dos ornamentos. Encontramos nesta povoação muita Divisão, querendo uns a mudança da Freguesia para o Campo do Lobo, outros que não saia do lugar onde está. Não pudemos dar nosso parecer porque nos faltam informações exatas. Asseveramos sim que neste estado a Freguesia já de si de pouca importância se tornará cada vez em estado de atraso. Confirmamos o Fabriqueiro antigo que também sofre oposição e não pudemos entrar em pleno conhecimento. Confessamos que muito ingenuamente ofereceu seu livro de Contas. Esperamos que o mesmo desmentindo suposições zele quanto em si estiver da Matriz, não consinta que se abra por pessoa incompetente, ele na falta de Pároco é o responsável pelo estado da Igreja, e sua decência. Nos dias da guarda tenha uma pessoa capaz de abrir, tocar o sino, também por defuntos, e mesmo rezar-se uma vez que não seja depois das Ave Marias. Precisa zelar-se do Cemitério, e enquanto ele não for fixado, e forrado o que falta na Capela-mor, proibimos toda a festa, e terço de ruas; para quando houver Pároco, determina-

mos o seguinte: 1º) Nenhum sacerdote com cura de Almas ou sem ela, fora ou dentro da Freguesia poderá levar dinheiro, gratificação, por ir confessar moribundos. Se contrariar, obrando o contrário incorre ipso facto em pena de suspensão. 2º) Nos enterros não haverá mais de três sinais de sino, sendo o 1º grátis, e se pedirem mementos, não haverá mais de três. 3º) Se aparecer algum sacerdote desconhecido não se lhe subministrarão guisamentos sem apresentar Provisão de uso de ordens daquele ano, e se não usar de hábito talar, sendo de fora apresentará licença, ou Demissórias (ou Remissórias?) de seu ordinário afirmando que está no gozo de suas ordens. Tendo de demorar-se ou residir alcançará do Ordinário desta Diocese aprovação, não o fazendo se lhe negarão guisamentos. Aqui fiemos damos este Provimento, deixando ao povo a Bênção Pastoral. Este Provimento ficará em poder do Fabriqueiro até que haja Pároco nesta Freguesia para aí publicar esta a Estação da Missa Paroquial, passar certidão declarando que assim o cumpriu. Passando em visita na Capela de São Pedro filial a Piracicaba aos 4 de novembro de 1859. Eu o Cônego José Bento de Andrade Escrivão de Visita a escrevi". (Fls. 3 e 3v).

CONSULTAS:

- 1 Livros do Tombo da Matriz de S. Pedro (SP): 1º (1867-1904); 2º (1905-1918); 3º (1918-1943).
- 2 Cartório do Registro Civil das Pessoas Naturais de S. Pedro (SP).
- 3 Informações: Marietta de Toledo Mendes; Joaquina Frota de Andrade; Eponina Parreira; Ondina Mendes Parreira.

Detalhe da torre, onde se lê o ano de sua construção